



SECRETARIADO DIOCESANO DA COORDENAÇÃO PASTORAL
DIOCESE DE COIMBRA

Sínodo dos Bispos

“Para uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão”

Síntese da reflexão diocesana sobre os temas indicados no Relatório de Síntese da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos “Uma Igreja sinodal em missão” (28 abril 2023), da Primeira Sessão do Sínodo (outubro 2023), capítulos 8-12, 16 e 18.

8. A IGREJA É MISSÃO

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Reconhecer que pelo batismo “todos, todos, todos” têm lugar na igreja e ninguém pode ser substituído. Assim, há necessidade de uma pastoral de Iniciação Cristã e de rever a prática, quanto aos métodos, itinerários, idade e condições para a receção dos sacramentos.
- b) Promover a implementação de uma Catequese Mistagógica para os que recebem os vários sacramentos da Iniciação Cristã, tendo em conta um acompanhamento espiritual e vocacional específico dos mesmos.
- c) Organizar a igreja local como uma família e não como uma estrutura, criando meios para a valorização da relação fraternal e teologal, nas comunidades, assim como a valorização de alguns setores: o mundo da saúde, do serviço aos mais pobres e o acolhimento aos de fora.
- d) Desenvolver maior criatividade na instituição de ministérios tendo por base as exigências das Igrejas locais, envolvendo de modo particular os jovens. Sugere-se a inclusão no conceito de ministério todos os serviços prestados à comunidade, em nome da Igreja, designadamente nos domínios da saúde mental (adições, ansiedade, depressão, solidão...), dos doentes e familiares/cuidadores em processo de doença crónica, progressiva e incurável, no processo de luto; ainda o apoio a pessoas com deficiência, a jovens namorados, a casais, especialmente os que estão em crise, a pessoas que recuperam de situações de aborto, desempregados, refugiados, imigrantes, etc.
- e) Criar em cada paróquia um espaço jovem (espaço físico para os jovens poderem estar, conviver, refletir, organizar ações de voluntariado, etc ...).
- f) Enriquecer a dimensão consultiva do Conselho Pastoral, tornando-a obrigatória e dando-lhe um caráter mais vinculativo.
- g) Valorizar e identificar os vários campos de ação da missão da Igreja, promovendo a preparação de cada cristão para os mesmos, segundo a sua vocação.
- h) Combater a clericalização do laicado através da rotatividade nas lideranças e do desenvolvimento de metodologias de acompanhamento e participação comunitária.

- i) Desafiar os leigos mais comprometidos nas comunidades a disponibilizarem-se para os ministérios laicais e cuidar da sua escolha, envolvendo a comunidade através da oração, discernimento e consulta.
- j) Criar o Ministério da Palavra para formação bíblica e estímulo à leitura pessoal diária.
- k) Valorizar a formação inicial e contínua para os vários ministérios, tornando-a mais eficaz, para que se evitem atitudes de superioridade e desvio em relação às normas.
- l) Chamar a comunidade jovem a participar e a ser protagonista, incentivando-a a organizar atividades pastorais e a integrar-se nas equipas de animação pastoral. Contudo, este não deve ser um convite de “vem e faz”, mas sim um “estamos aqui para te ajudar e acompanhar até que consigas fazer sozinho e desafiar outros para também participarem”.
- m) Apostar na formação e apoio aos animadores dos grupos de jovens, catequese e movimentos, uma vez que eles são o rosto da missão da Igreja para os jovens que acompanham e que esperam deles um testemunho de entusiasmo e de alegria.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Criar um «sistema de quotas» para o número de fiéis leigos na Cúria Romana.
- b) Elaborar um «diretório», de carácter normativo, que reúna e atualize os últimos desenvolvimentos teológicos e doutrinários, acerca do laicado.
- c) Aprofundar, identificar e esclarecer, de forma reiterada, a missão específica dos leigos e a dos ministros ordenados.
- d) Sublinhar, em toda a orgânica da Igreja Universal, o carácter pastoral da sua identidade.
- e) Constituir, a nível da Santa Sé, um observatório que recolha e difunda as «boas práticas» de evangelização existentes nas diversas igrejas particulares.
- f) Partilhar boas práticas missionárias, estratégias bem-sucedidas, métodos de evangelização eficazes e soluções para desafios específicos, entre as dioceses portuguesas e as de outros países.
- g) Promover encontros, atividades e iniciativas conjuntas que fortaleçam a aproximação e comunhão entre Igrejas cristãs, bem como espaços de reflexão e debate de questões e problemas comuns.
- h) Criar atividades anuais entre Dioceses, comunidades e grupos de jovens, que permitam o cruzamento de várias realidades e a consequente partilha de vivências, fomentando o espírito de uma Igreja de todos e para todos.
- i) Divulgar as atividades que os organismos das diferentes Dioceses organizam para que funcionemos cada vez mais em rede.
- j) Promover momentos de convívio e de esclarecimento de “dúvidas de fé” com os bispos, bem como com os sacerdotes de cada paróquia, uma vez que uma das maiores causas do afastamento dos jovens é o “desconhecimento” da fé e da sua vivência.

k) Contactar as diferentes comunidades religiosas de cada área geográfica, perceber as suas dinâmicas, as suas dificuldades, as suas estratégias para motivar os jovens, e estimular o seu compromisso com a comunidade cristã e com a sociedade civil.

9. AS MULHERES NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Dar lugar a mais mulheres nos vários órgãos diocesanos e paróquias, superando uma perspetiva de subserviência ainda existente.
- b) Valorizar a presença e ação das mulheres nas diversas áreas da vida eclesial.
- c) Promover a igualdade nas relações laborais, nas várias instituições eclesiais: trabalho digno, horários e remuneração, independentemente do género.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Dar passos mais visíveis para que as mulheres tenham acesso ao ministério ordenado, nomeadamente ao diaconado.
- b) Valorizar e promover a presença e ação das mulheres nos diferentes Dicastérios e outros organismos da Igreja Universal.

10. A VIDA CONSAGRADA E AS AGREGAÇÕES LAICAIS: UM SINAL CARISMÁTICO

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Criar, na diocese, a figura do Vigário para a Vida Consagrada e Movimentos Laicais, tendo em vista a melhor e mais eficaz inserção destes na realidade e missão da Igreja Local, sem pôr em causa a especificidade do carisma próprio de cada um.
- b) Promover a assistência espiritual das comunidades, movimentos e outros grupos laicais.
- c) Identificar, discernir e acolher as expressões carismáticas existentes na Igreja, pondo-as ao serviço de todos.
- d) Cuidar das estruturas paroquiais e fomentar o voluntariado, para potenciar o surgimento de novas expressões de serviço.
- e) Incentivar as várias formas de vida consagrada a uma maior interação e sintonia com a Igreja Diocesana, contribuindo para o enriquecimento das comunidades locais com seus carismas específicos.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

a) Impulsionar a releitura dos carismas de modo a adequá-los aos tempos e necessidades atuais.

b) Rever as Constituições dos institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica, segundo o desenvolvimento teológico, antropológico e sociológico atuais, sem menosprezar a razão original da sua fundação.

11. DIÁCONOS E PRESBÍTEROS NUMA IGREJA SINODAL

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

a) Priorizar a pastoral vocacional, a nível das comunidades, e promover uma séria revisão da formação dos seminários, integral e adequada à realidade do mundo e da Igreja atual, com a presença feminina entre os formadores.

b) Valorizar e aprofundar o sentido de missão de cada ministério nas comunidades e da sua ação corresponsável na Diocese.

c) Criar mais acompanhamento da ação e missão dos presbíteros e diáconos.

d) Implementar formas de ajuda e encorajamento para a dinamização de um serviço eclesial mais fecundo, promovendo um acompanhamento humano e espiritual para valorização de cada pessoa e fortalecimento do seu ministério.

e) Criar meios e modos de promover a caridade entre o clero.

f) Nomear o Vigário para o Clero, num trabalho articulado com o bispo e os arcepresbiteros.

g) Combater o clericalismo, um obstáculo ao ministério ordenado autêntico e à missão, que se traduz na conceção do ministério como um privilégio e se manifesta num estilo de poder mundano, que se recusa a prestar contas, em vez de ser um serviço.

h) Rever a terminologia associada ao ministério ordenado, de forma a promover uma colaboração mais integrada entre os diferentes ministérios.

i) Promover, na formação para o ministério ordenado, uma ligação clara à vida quotidiana das comunidades. Sugere-se a valorização de diversos aspetos, a ter em conta na formação: na área da psicologia e do trabalho em equipa, com “estágios” em comunidades mais desfavorecidas e periféricas (prisões, comunidades em que se cuide de doentes); com “estágios” em comunidades diversificadas (meio rural/citadino, interior/litoral, comunidades de migrantes, comunidades com minorias étnicas, comunidades cuja presença do presbítero não é tão frequente e outras realidades distantes do seminário).

j) Acompanhar o amadurecimento afetivo e sexual na formação dos ministros ordenados, inserindo-os em contextos reais de comunidade.

k) Valorizar o ministério do diácono permanente, cuja função não deve ser a substituição das funções do sacerdote.

l) Convidar cristãos comprometidos para um processo de discernimento em ordem ao diaconado permanente.

- m) Convidar jovens para experiências significativas de encontro com Deus (retiros, pré-seminário, etc.).
- n) Promover a clareza e a transparência na gestão dos fundos alocados à Igreja, tanto a nível paroquial como diocesano.
- o) Incluir experiências missionárias *ad gentes* para sacerdotes recém-ordenados, visando enriquecer sua formação.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Iniciar uma reflexão séria e serena sobre o «celibato livre», que não deve ser uma obrigação, mas uma escolha.
- b) Considerar seriamente e sem receio a possibilidade de homens casados serem ordenados presbíteros.
- c) Acolher e integrar ex-sacerdotes em serviços paroquiais e diocesanos.
- d) Promover a formação conjunta entre dioceses para os ministros ordenados, procurando, para além das temáticas teológicas e pastorais, outras que ajudem a compreensão do mundo e o lugar que estes nele devem ocupar.
- e) Aprofundar o significado da comunhão entre as Igrejas particulares e os seus bispos com o Bispo de Roma.
- f) Incluir na formação inicial e contínua dos ministros ordenados a reflexão sobre o exercício da autoridade como serviço.
- g) Direcionar a missão do Diaconado, prioritariamente, para a área da caridade na vida da Igreja e do mundo.
- h) Promover a adoção de algumas ferramentas de *networking* entre as diferentes Igrejas locais, nacionais e internacionais, para que, num mundo globalizado, a comunicação entre clérigos e entre associações de fiéis seja facilitada e resulte em mais-valias para todos.
- i) Criar o Conselho dos Ministros Ordenados que inclua diáconos e presbíteros.
- j) Estruturar a formação dos diáconos permanentes de forma idêntica, nas dioceses portuguesas.
- k) Melhorar a capacidade de comunicação proativa da Igreja com a sociedade, do ponto de vista da oportunidade, da clareza dos conteúdos e dos meios.

12. O BISPO NA COMUNHÃO ECLESIAL

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Ouvir a Igreja local na nomeação do seu Bispo, sendo consultados os diferentes organismos diocesanos.

- b) Melhorar o funcionamento dos órgãos de aconselhamento do Bispo para melhor conhecimento da realidade da Diocese e adequação das decisões.
- c) Desenvolver a relação de paternidade e fraternidade entre os vários membros do clero diocesano.
- d) Continuar a promover tempos e espaços de proximidade humana entre o Bispo e o clero, com especial atenção aos que estão mais isolados ou debilitados física e/ou psicologicamente.
- e) Incentivar os organismos diocesanos a promoverem espaços de reflexão com entidades não eclesiais sobre as problemáticas da sociedade atual: novas conjugalidades, meios digitais, ecologia, questões de género, inteligência artificial, guerra e paz, etc.
- f) Comunicar com o presbitério e com a comunidade diocesana de forma clara, regular, relevante e com uma linguagem acessível.
- g) Garantir um justo equilíbrio entre o múnus espiritual e pastoral do Bispo e os compromissos com a sociedade civil.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Promover maior cooperação e partilha de experiências eclesiais entre bispos e suas dioceses, potenciando sinergias existentes.
- b) Criar maior ação de corresponsabilidade e maior celeridade na nomeação de bispos, auscultando, de forma mais relevante o povo de Deus e as conferências episcopais.
- c) Rever a legislação canónica sobre a missão dos bispos, nos âmbitos pastoral, doutrinal, jurídico e administrativo.
- d) Proporcionar a reflexão colegial sobre as novas questões que se põem à teologia moral e pastoral.

16. POR UMA IGREJA QUE ESCUTA E ACOMPANHA

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Retirar, quanto possível, os ministros ordenados da gestão burocrática de instituições, para poderem conhecer, escutar e acompanhar os paroquianos, dando tempo e espaço ao sacramento da reconciliação e à direção espiritual.
- b) Prever tempos específicos para atendimento nas comunidades.
- c) Tornar as comunidades acolhedoras e criar, onde for necessário, equipas de acolhimento e adequá-las à sua missão e à realidade de cada comunidade.
- d) Promover o acompanhamento de pessoas sós, doentes e idosas pelos párocos e pessoas ou equipas devidamente preparadas.
- e) Envolver, de modo criativo e eficaz, as comunidades cristãs na assistência caritativa, que não se esgota na ação institucionalizada.

- f) Criar equipas locais de acolhimento e integração dos imigrantes, constituídas também, se possível, com ex-emigrantes.
- g) Envolver a comunidade, através dos órgãos de participação e corresponsabilidade, nos processos de decisão, nomeadamente em relação a finanças, projetos, parcerias, atividades anuais e plurianuais.
- h) Criar instrumentos de acompanhamento de todos os que participam na vida eclesial, mas estão na “marginalidade moral” por questões de recasamento, união de facto, etc.
- i) Formar adequadamente os agentes pastorais, presbíteros, diáconos, consagrados e leigos, para que saibam enfrentar os desafios éticos e morais atuais.
- j) Formar adequadamente todos os que trabalham com pessoas menores ou adultos vulneráveis para uma relação sadia, que se mostre protetora e segura.
- k) Preparar leigos e equipas de leigos para o ministério da escuta e do acompanhamento, especialmente as pessoas vulneráveis, que se sintam marginalizadas pela Igreja e precisem de se sentir acolhidas e ouvidas.
- l) Criar espaços de escuta e diálogo com os jovens, abertos à discussão de temas “fraturantes” para a Igreja.
- m) Dinamizar a pastoral universitária, promovendo momentos de partilha e acompanhamento espiritual, dando maior visibilidade às iniciativas cristãs e criando mais estreita ligação às associações académicas.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Criar atividades e parcerias entre Igrejas que facilitem o acompanhamento, nomeadamente de pessoas em situação de mobilidade ou maior fragilidade (migrantes, estudantes, reclusos, etc.).
- b) Promover formas criativas e caritativas de presença da Igreja nos campos da cultura e da política.
- c) «Desclericalizar» as estruturas e os órgãos de decisão eclesiais, criando mais oportunidades de participação, incentivando uma cultura de prestação de contas e de humildade no serviço.
- d) Identificar as causas sociais, ambientais, humanas, económicas, políticas e religiosas que sejam importantes para os jovens, discerni-las à luz do Evangelho e apoiá-las quando estiverem ordenadas ao bem-comum.

18. ORGANISMOS DE PARTICIPAÇÃO

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível da Igreja local?

- a) Alargar o âmbito da participação nos Conselhos Económicos e Pastorais a outras pessoas, para além das que já estão envolvidos nos serviços pastorais.

- b) Alargar a representatividade dos vários grupos existentes na comunidade no Conselho Pastoral.
- c) Dinamizar regularmente assembleias paroquiais e diocesanas.
- d) Cuidar da formação e da espiritualidade dos elementos dos órgãos de corresponsabilidade e participação.
- e) Assumir definitivamente a sinodalidade como característica essencial na vivência dos órgãos de participação, sobretudo na corresponsabilidade.
- f) Dar lugar a mais leigos, mulheres e jovens em órgãos consultivos da Igreja.
- g) Garantir uma formação específica aos membros das equipas de animação pastoral.
- h) Dar aos órgãos de corresponsabilidade e participação competência de decisão, ainda que não vinculativa, alterando a designação de “conselho” por outra que reflita melhor a ideia de “co-decisão” e “co-responsabilidade” nas estruturas da Igreja.
- i) Motivar os leigos para organizarem fóruns regulares de diálogo e discernimento, que ajudem a participação ativa na tomada de decisões e no planeamento da vida da comunidade.

Como ser Igreja sinodal em missão, a nível das relações entre Igrejas, entre grupos de Igrejas e com o Bispo de Roma?

- a) Dinamizar encontros para troca de experiências e boas-práticas entre dioceses.
- b) Rever a legislação canónica quanto ao caráter deliberativo dos atuais órgãos consultivos.
- c) Implementar consulta frequente e objetiva, ao povo de Deus, sobre assuntos de carácter pastoral.
- d) Proporcionar maior autonomia pastoral às conferências episcopais, tendo em conta as especificidades das Igrejas em cada país.
- e) Alargar a participação dos leigos nos órgãos consultivos do Papa.

Coimbra, 27 de março de 2024